

Uma nota introdutória sobre a importância da questão existencial em Kierkegaard

Thiago Costa Faria

Resumo: É necessário em primeiro lugar achar o terreno ao qual se pertence, o que nem sempre é tão fácil. Existem, a esse respeito, naturezas felizes que têm uma disposição tão marcada por este ou por aquele caminho que vão em frente de forma conscienciosa pelo caminho indicado, sem que nunca sequer lhes passe pela mente a ideia que sua vocação fosse talvez bem outra. Outras naturezas se deixam a tal ponto dirigir pelo meio que as cerca que nunca chegam a formar uma ideia clara daquilo a que aspiram verdadeiramente. O primeiro grupo tira seu imperativo categórico do interior – o segundo, de fora. Os membros do primeiro grupo são muito raros, e eu não tenho muita vontade de me alistar no segundo. Os mais numerosos são aqueles que experimentam na vida o que significa verdadeiramente a dialética hegeliana. Não há certamente nada mais normal que o vinho fermente antes de clarear, mas este processo é muitas vezes desagradável em suas etapas [...]. Assume [tal processo] principalmente uma grande importância para aquele que, por si mesmo, encontrou sua vocação – não só graças a bonança que vem após a tempestade, mas porque então se possui a vida em um sentido bem diverso de antes.³⁸

A preocupação principal de Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) girava em torno da questão da existência concreta (*Tilværelse*) dos indivíduos. Sua reflexão acerca da existência partia das suas próprias experiências, da sua própria realidade existencial, o que confere à sua obra um caráter bastante pessoal, indo assim de encontro aos grandes sistemas filosóficos formulados em sua época, sobretudo os de inspiração hegeliana. Kierkegaard criticava em Hegel a sua tentativa de, através da dialética de categorias lógicas e da sua respectiva sistematização, abarcar toda a realidade em sua teoria. As categorias lógicas, ainda que imprescindíveis para o pensamento, não são capazes de explicar a existência humana concreta, e isto porque elas são indiferentes

38. KIERKEGAARD *apud* FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2005, p.50. Meu grifo. Essa mesma passagem pode ser encontrada em: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Vol. 1-28, K1-K28. Ed. N.J. Cappelørn, J. Garff, J. Knudsen, J. Kondrup, A. MacKinnon, F.H. Mortensen. Copenhagen: Gad, 1997-, AA:12. Também em: KIERKEGAARD, Søren. *Journals and Papers*. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol. 1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967, IA 72. Doravante *Søren Kierkegaards Skrifter* será referido como SKS, enquanto as passagens contidas nos *Journals and Papers* serão referidas como Pap. (*Papirer*).

às manifestações existenciais, não passando de pálidas abstrações da realidade. O pensamento não se basta e tampouco se origina a si mesmo, uma vez que ele é, antes de tudo, sustentado pela existência: a existência precede o pensamento.³⁹ Kierkegaard dirá que

[o]nde quer que se dê por estabelecido que o pensamento é o supremo; [então] cada vez mais a erudição se aparta da impressão primitiva da existência; não há nada para se viver, nada para se experimentar; tudo já está terminado, e o dever do pensamento especulativo consiste em catalogar, classificar e ordenar metodicamente as diferentes categorias do pensamento. Não se ama, não se crê, não se age; mas se sabe o que é o amor, o que é a fé, e fica somente a questão acerca do lugar que devem ocupar no sistema.⁴⁰

O desejo de Kierkegaard era que encontrássemos, a partir das nossas próprias vidas, uma verdade que pudesse nos conduzir a uma existência autêntica. Existir autenticamente é, antes de tudo, opor-se àquela existência comum, àquela existência que privilegia o geral ao invés do indivíduo (*den Enkelte*). O homem que almeja um existir verdadeiro deve, para tanto, agir de acordo com a sua verdade interior – verdade esta que se encerra na sua subjetividade e que o orienta em direção àquela possibilidade que lhe é mais própria. O despertar existencial ocorre quando o indivíduo rompe com o reino exclusivo dos fatos e mergulha na sua própria subjetividade: ali onde o encontro

39. Enquanto Hegel e os seus seguidores optavam pela coerência do sistema, Kierkegaard optou pela seriedade de uma existência que não se deixa subsumir na generalidade dos conceitos. No entanto, teria feito uma pequena concessão a Hegel e concentrado suas críticas àqueles que o imitavam, mas sem a mesma classe: “Está reservado aos admiradores de Hegel fazer dele um parlapatão: um adversário sempre saberá admirá-lo por ter querido alguma coisa de grande sem que o tivesse conseguido” (KIERKEGAARD apud FARAGO, 2005, p. 69). Vale lembrar que Georg Wilhelm Friedrich Hegel, nascido em 1770, falece em 1831, quando, portanto, Kierkegaard contava apenas 18 anos. Sua obra mais importante, *Fenomenologia do Espírito (Phänomenologie des Geistes)*, foi publicada pela primeira vez em 1806.

40. KIERKEGAARD, Søren. *Concluding Unscientific Postscript to Philosophical Fragments*. Vol. I. Trad. Howard & Edna Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1992, p. 344. Alternativamente, numa versão em língua espanhola: KIERKEGAARD, Søren. *Postscriptum no científico y definitivo a Migajas filosóficas*. Trad. Nassim Bravo. México, D.F.: Universidad Iberoamericana, 2008, p.346. Doravante *Concluding Unscientific Postscript* será referido como CUP, enquanto *Postscriptum no científico y definitivo* será referido como PCD.

do eu (*Selv*) consigo mesmo não pode ser intermediado por nenhum esquema conceitual.

Um sistema da existência não é possível. [...] Sistema e conclusividade se correspondem, mas a existência é justamente o oposto. Desde um ponto de vista abstrato, sistema e existência não podem ser pensados conjuntamente, já que a fim de pensar a existência, o pensamento sistemático deve pensá-la como anulada e, portanto, como não existente.⁴¹

A existência não é um simples momento constituinte de um sistema regulado por determinações logicamente necessárias; por isso mesmo ela exige de nós que realizemos uma escolha, ou melhor, a mais radical e arriscada das escolhas, qual seja, o significado que daremos às nossas vidas. Tal escolha diz respeito a efetuarmos a possibilidade que é mais própria a cada um de nós, a existirmos de acordo com esta possibilidade. Daí o papel imprescindível da paixão (*Lidenskab*) na busca pela verdade. Pois já que a verdade pertence ao âmbito subjetivo, qualquer meio racional (objetivo) estaria fadado a falhar em sua missão de se apoderar dela. Somente com intensa e viva paixão é que poderemos alcançar a verdade – e agir com paixão é também assumir os riscos das nossas escolhas, é se angustiar perante a responsabilidade que temos diante da nossa própria existência. “*Uma incerteza objetiva, mantida firme pela apropriação com a mais apaixonada interioridade, é a verdade, a mais elevada verdade que existe para uma pessoa existente*”,⁴² proclama Kierkegaard. Uma subjetividade infinitamente apaixonada é uma subjetividade infinitamente comprometida, empenhada consigo e, por conseguinte, com a própria existência.

41. CUP p. 118/PCD p. 119.

42. CUP p. 203/PCD p. 206. A validade de uma evidência absoluta será sempre relativa em relação ao absoluto último (Deus) e, especialmente, em relação à existência, na medida em que essa não se esgota nas verdades da consciência em geral, isto é, nas verdades objetivas. Tal verdade só será absoluta para a existência se adotada por esta, se passar da mera evidência impessoal à convicção pela qual a existência esteja disposta a se comprometer absolutamente.

A escolha radical que a existência nos conclama a realizar é sempre a escolha de nós mesmos. Escolher uma existência autêntica é escolher a si próprio – e escolher a si próprio é, por sua vez, colocar-se perante Deus. Dessa forma, Kierkegaard defendia a precedência da existência em relação à essência, pois somente através da nossa existência concreta é que somos capazes de realizar a nossa essência, de atualizar aquilo que nós realmente somos ou devemos ser. Afinal, para o filósofo de Copenhague, “[a] existência não é uma ocupação abstrata e apressada, mas um empenhado e incessante ‘enquanto isso’”.⁴³ No entanto, até mesmo a escolha se apresenta como um paradoxo: o paradoxo de ser livre e necessária ao mesmo tempo. Livre não porque somos capazes de escolher entre isso ou aquilo arbitrariamente, e sim porque gozamos da possibilidade última de não nos decidirmos por nós mesmos, de não escolhermos a nós mesmos, isto é, podemos optar por não realizarmos a nossa própria essência. E necessária porque, por outro lado, somos sempre obrigados a fazer escolhas (e furta-se de escolher é já uma escolha), qualquer que seja o estádio da vida em que nos encontremos – e, mais do que isso, é necessária porque diz respeito àquela possibilidade que é essencialmente minha e que só eu posso realizar enquanto indivíduo; é necessária, enfim, porque há somente uma única escolha, a escolha radical, que me permitirá cumprir a minha vocação.

A necessidade de uma filosofia voltada à existência e de se assumir existencialmente tudo o que ela implica deita suas raízes no fato de que, enquanto seres finitos, só temos acesso à realidade empírica, e é justamente nela que devemos aprender a nos orientar. Todavia, tal orientação deve, para ser bem-sucedida, preceder a realidade empírica, em outras palavras, deve constituí-la. A orientação deverá, portanto, partir de uma origem, de um incondicionado ao qual tudo, em última instância, se reporta. Não deverá, pois, ser empírica. Enquanto seres

43. CUP p. 526/PCD p. 528.

finitos estamos limitados pela realidade empírica. Enquanto seres livres, ultrapassamos o meramente factual. A essência do homem é, pois, a liberdade e sua tarefa é a de atualizá-la na sua existência, obrar conforme a ela. Só somos verdadeiramente livres quando atualizamos a liberdade na nossa própria existência, temporalmente e em cada situação determinada.

A liberdade é chamada a se determinar: o indivíduo deve se decidir não por isto ou aquilo, mas antes de qualquer outra coisa, por si mesmo. Mas se decidir por si mesmo é uma tarefa para a existência e na existência e, por isso mesmo, um tender para que no momento mesmo que agarra o que quer já vai esticando os braços para agarrá-lo novamente.⁴⁴ Existência é transcendência, poder ser, liberdade: possível que se dá no curso das nossas realizações e escolhas, a cada vez e sempre. Acrescenta Kierkegaard:

O fato de que o pensador subjetivo deva esforçar-se constantemente não significa, entretanto, que num sentido finito tenha um objetivo pelo qual se esforce, e com o que, alcançando-o, daria um fim ao seu esforço. Não, a sua luta é infinita e se acha constantemente em processo de devir [...]. O processo de devir é a existência mesma do pensador... enquanto ele continuar existindo, se achará no processo de devir.⁴⁵

A existência humana não é uma construção abstrata, irreal ou ideal. Pelo contrário, ela realiza as suas aspirações mais fundamentais, atualiza a si própria nas situações concretas, finita e temporalmente situadas. É por isso que Kierkegaard fala de etapas no caminho da vida, estádios

44. Existência é movimento, mudança: mudança e movimento são a existência mesma perseverando. Qualitativamente oposta à existência se encontra a razão, porque esta pressupõe, por seu turno, uma certa rigidez, já que o seu ofício é atribuir identidades fixas aos entes, privando-os de toda mobilidade e, por conseguinte, de toda vida. Portanto, aquela verdade que vitaliza, aquela verdade voltada à existência não se compreende e sim se vive, e vida é mudança e movimento... A esse respeito já alertava Miguel de Unamuno, no rastro do seu "irmão" dinamarquês: "E é que, a rigor, a razão é inimiga da vida" (UNAMUNO, Miguel. *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos y Tratado del Amor de Dios*. Edição Nelson Orringer. Madrid: Editorial Tecnos, 2005, p. 220).

45. CUP p. 91/PCD p. 93.

através dos quais a existência se move e nos quais ela vai assumindo as suas características, participa de uma história, engaja-se com as suas escolhas, angustia-se, desespera-se, ama, é provada e encontra a sua felicidade – enfim, trata-se de esferas em cujos domínios a existência se torna real.

Imagine uma casa com porão, térreo e primeiro andar planejada para que haja ou deva haver uma distinção social entre os ocupantes de acordo com o andar. Agora, se o que significa ser um ser humano for comparado com tal casa, então, muito lamentavelmente, a triste e ridícula verdade em relação à maioria das pessoas é que elas preferem viver no porão das suas próprias casas. Todo ser humano é uma síntese psicofísica destinada a ser espírito; este é o edifício, mas ele prefere viver no porão, isto é, nas categorias sensíveis. Além disso, ele não se contenta em viver no porão – não, ele adora tanto isso que fica indignado caso alguém lhe sugira mudar-se para o esplêndido andar de cima, o qual continua vago e à sua disposição, uma vez que ele está, apesar de tudo, vivendo na sua própria casa.⁴⁶

O questionamento filosófico tem sempre como ponto de partida uma situação específica, concreta e existencialmente pontuada, relacionada com o mundo e seus eventos e, sobretudo, com o modo como nos portamos diante destes fenômenos. De maneira especial, está relacionado com aquelas situações que tendem a desafiar a nossa existência, que se nos mostram como cruciais, críticas, que nos põem em uma encruzilhada. Em uma palavra, está intimamente relacionado com aquelas questões que, para nós, são questões de vida ou morte. Assim pensava (e vivia) Kierkegaard:

O que eu realmente preciso é ter clareza sobre o que devo fazer, e não sobre o que devo conhecer, a não ser na medida em que o conhecimento

46. KIERKEGAARD, Søren. *The Sickness Unto Death*. Trad. Howard & Edna Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1980, p. 43.

deve preceder qualquer ato. O que importa é encontrar o meu propósito, enxergar o que Deus quer que eu faça realmente; o crucial é encontrar uma verdade que seja verdade para mim, encontrar a ideia pela qual eu esteja disposto a viver e morrer.⁴⁷

Para Kierkegaard, o indivíduo tem a possibilidade de escolher livremente participar, na busca pelo sentido da sua vida, entre três esferas próprias da existência humana, a saber, as esferas estética, ética e religiosa. Cada esfera da existência, ou estádios no caminho da vida,⁴⁸ corresponde a certo modo de interagir com as questões existenciais de cada indivíduo, sejam elas estéticas, éticas ou religiosas. É importante salientar que por mais que se deva fazer uma escolha entre uma dessas três esferas, não se trata absolutamente de abandonar ou negligenciar as outras duas, mas antes, de tornar uma dessas esferas o eixo ao redor do qual as outras girarão. France Farago, autora de *Compreender Kierkegaard*, explica a questão de modo simples e didático:

Kierkegaard distingue assim três estádios existenciais: o estádio estético em que o homem se abandona à imediatidade, o estádio ético em que se submete à lei moral (o geral, como se diz), e o estádio religioso em que o homem, abraçando a eternidade, se deixa dirigir pelo amor, para além do bem e do mal. A vida, para poder chegar à plenitude, comanda a paixão de existir como amor e autoafirmação. Este ato é originário, é o ato de querer tornar-se si mesmo. A opção original do eu é um amor a si mesmo, é de verdade o primeiro amor. Todavia, o homem pode se amar mal.⁴⁹

47. SKS AA:12/Pap. I A 75.

48. *Estádios no caminho da vida* – ou, dependendo da tradução, *Estações na estrada da vida* (*Stadier paa Livets Vej*) – é também o nome de um livro encadernado, editado e publicado em 1845, por Hilarius Bogbinder, um dos heterônimos de Kierkegaard (a palavra dinamarquesa para “encadernador” e, mais especificamente, para designar a função de “encadernador de livros” é *bogbinder*). *Estádios* é o resultado da coleção de três livros diversamente orientados: *In vino veritas* (cuja orientação é estética), *Palavras sobre o matrimônio* (*Adskilligt om Ægteskabet*, de orientação ética) e *Culpado? Não culpado?* (*Skyldig – a Ikke Skyldig?*, de orientação religiosa). Cada um deles é escrito sob um heterônimo diferente.

49. FARAGO, 2005, p. 120.

O homem pode se amar mal porque não são raras as vezes que dispersa a sua própria existência em vez de concentrá-la apaixonadamente na busca de si. De acordo com o seu comportamento em relação a si, aos outros e a Deus, ele estará mais propriamente inclinado a uma esfera específica da existência do que a outra. Conhecerá, portanto, várias facetas do amor, desde a sua degradação numa relação doentia que estabelece com a própria existência até a sua edificação numa relação saudável e bem orientada, contanto que, é claro, consiga reunir as forças necessárias para fazer uma escolha radical: a escolha de si mesmo. Mas até chegar ao ponto de reuni-las, deverá exercitar-se em outras esferas, sempre com o cuidado de não se deixar extraviar nelas, porque senão todos os seus esforços, por mais sinceros e bem-intencionados que tenham sido, resultarão em nada: amou muito, se entregou absolutamente ao amor, amou até a exaustão, a dor e as raízes do entendimento humano, mas jamais foi correspondido. Desperdiçou justamente a única coisa que não poderia ter desperdiçado jamais: a sua própria existência – a qual é, a uma só vez, o alicerce e a morada de toda e qualquer reflexão que se queira verdadeiramente séria e existencialmente válida.

Referências bibliográficas:

FARAGO, France. *Comprender Kierkegaard*. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2005.

KIERKEGAARD. *Concluding Unscientific Postscript to Philosophical Fragments*. Vol. I. Trad. Howard & Edna Hong. Princeton. NJ: Princeton University Press, 1992.

_____. *Journals and Papers*. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol. I-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

_____. *Postscriptum no científico y definitivo a Migajas filosóficas*. Trad. Nassim Bravo. México, D.F.: Universidad Iberoamericana, 2008.

KIERKEGAARD. Søren Kierkegaards Skrifter. Vol. I-28, K1-K28. Ed. N.J. Cappelørn, J. Garff, J. Knudsen, J. Kondrup, A. MacKinnon, F.H. Mortensen. Copenhagen: Gad, 1997-.

_____. *The Sickness Unto Death*. Trad. Howard & Edna Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1980.

UNAMUNO, Miguel. *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos y Tratado del Amor de Dios*. Edição Nelson Orringer. Madrid: Editorial Tecnos, 2005.